



Fotos: Ed Alves CB/DA Press



Cabral: “É fundamental conseguir acelerar a transmissão”



Fleischhaker: “A redução da pobreza passa por avanços no Nordeste”



Costa: “O momento é de repensar o NE como celeiro de fontes renováveis”

# Potencial energético no mar

Nordeste, segundo especialistas, pode se tornar líder na geração de energia offshore. Mas há desafios, como a falta de regulação

» RAPHAEL PATI  
» PEDRO JOSÉ\*

Em um momento de busca pela transição energética, a região Nordeste caminha para ser a protagonista nacional na geração de energia elétrica por meio das usinas eólicas offshore — no mar territorial. Essa é a avaliação do diretor de Novos Negócios da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), Marcello Cabral, que destacou — durante o CB.Debate: *Os avanços do Nordeste*, realizado ontem pelo **Correio Braziliense** em parceria com o Banco do Nordeste (BNB) — o potencial dos estados que investirem em novas tecnologias, neste campo. “Quando a gente está falando de energia, um ponto que é fundamental é a gente conseguir acelerar a transmissão. A energia, as linhas de transmissão que hoje estão no Nordeste não estão alinhadas com o tamanho que o Nordeste tem hoje já de energia renovável e nem com o que ele ainda vai se tornar”, destacou o diretor.

Cabral disse que a geração de energia nas offshore deve ser uma realidade de mais concreta nos próximos 8 a 10 anos e que o Nordeste teria todas as condições de liderar essa transformação. Ele acredita que há uma vantagem competitiva real pela qualidade de vento, do mar, e do acesso a outros mercados. “A energia eólica offshore tem o potencial, no Nordeste, de catalisar ainda mais o desenvolvimento daquela região”, acrescentou.

O diretor, no entanto, apontou que a instabilidade regulatória para se investir ainda é um entrave para o crescimento da região. Sobre esse assunto, ele ressaltou que o Nordeste sofre com algumas empresas que tentam se instalar naquela região e não conseguem estabelecer uma conexão com o local. Segundo Cabral, isso passa pela insegurança com as leis e a falta de incentivos para essas companhias.

“Outro desafio é que a gente consiga capacitar a mão de obra local para que essa riqueza que o Nordeste tem de recursos naturais possa gerar benefícios para o povo local, para a região local. Que a gente deixe de ser um exportador de riqueza e passemos a ser um concentrador”, concluiu o diretor da ABEEólica.

O economista sênior do Banco Mundial e integrante da equipe

técnica do relatório Rotas para o Nordeste, Cornelius Fleischhaker, afirmou que a região Nordeste reúne atributos estratégicos relevantes, mas convive com índices persistentes de pobreza e dificuldade de convergir em renda. “O Nordeste é uma região rica em vários aspectos. Essa riqueza aparece na cultura, na biodiversidade e no potencial para energias renováveis. Outros fatores também reforçam a posição estratégica da região, como a proximidade geográfica com outros continentes e o fato de ser a porta de entrada dos cabos submarinos de internet. No Ceará, onde chegam os cabos transatlânticos, o que dá ao lugar um ponto muito estratégico”, disse Fleischhaker.

Segundo o economista do Banco Mundial, a redução da pobreza no Brasil passa, obrigatoriamente, por avanços no Nordeste. Ele destacou que a região carrega o maior número de pessoas em situação de vulnerabilidade e que, mesmo com algum avanço histórico, o ritmo é insuficiente. “Hoje, está na ordem de 40% do PIB per capita do Sudeste, isso é uma melhoria substancial em relação a década de 60, quando estava cerca de 20%”, afirmou.

O estudo do Banco Central citado por ele indica que entre 2013 e 2019, o crescimento no Nordeste ocorreu principalmente devido à maior escolaridade da força de trabalho, com queda de produtividade total. O setor agropecuário foi o que mais avançou no período. “A produtividade na agricultura no Nordeste já está parecida com a do Sudeste. Porém, nos outros setores, isso não tem acontecido. Os outros setores não estão acompanhando essa trajetória de convergência”, afirmou.

A análise por empresas mostra baixo dinamismo e menor crescimento justamente entre aquelas consideradas mais produtivas. Fleischhaker citou relação negativa entre incentivos tributários, crédito direcionado e desempenho. “Uma empresa que recebe mais incentivo tende a ser menos produtiva. O empresário não precisa ser o mais produtivo para ter lucro”, explicou.

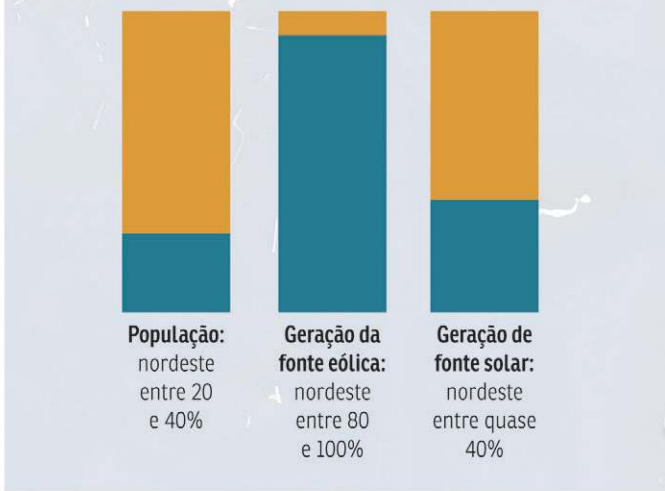
## Reforma

Com a reforma tributária, esses mecanismos deixam de existir no ICMS. Os estados passam a receber

## Olhando para o futuro

O economista do Banco Mundial Cornelius Fleischhaker explicou que o Nordeste possui potencial para energias renováveis e que a proximidade geográfica com outros continentes e o fato de ser a porta de entrada dos cabos submarinos de internet, além de potencial energético no meio eólico.

- Priorizar políticas, inclusive recursos fiscais e creditícios, em medidas que aumentem a competitividade produtiva, especialmente na indústria e nos serviços.
- Reduzir o custo de fazer negócios, simplificando tributos e processos, e harmonizando os regulamentos comerciais
- Investir em pessoas e infraestrutura: educação técnica, requalificação e logística/digital para reduzir gargalos
- Aumentar a participação das mulheres na força de trabalho, especialmente por meio da expansão do acesso a programas acessíveis de cuidados infantis e apoio à família, da garantia de igualdade salarial e da eliminação da discriminação no ambiente de trabalho
- Usar vantagens regionais (energia renovável e conectividade digital) em políticas industriais que estimulem inovação



Fontes: Banco Mundial, IBGE, ABEEólica e Submarine Cable Maps

recursos da União para políticas de desenvolvimento regional. O Nordeste ficará com cerca de 40% do montante. Ele avaliou que isso permite uma mudança de estratégia. “Os governos estaduais vão poder utilizar o dinheiro da forma que acharem mais relevante. Isso dá

oportunidade para eles fazerem políticas que não sejam incentivos tributários, mas que talvez sejam mais alinhadas com a necessidade de aumento de produtividade”, afirmou.

Durante o debate, o professor titular de Economia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Ecio

Costa também chamou atenção para o problema da reforma tributária e a guerra fiscal. Segundo ele, apesar de o Nordeste contar com um fundo próprio, esses recursos podem ser insuficientes para garantir a manutenção de diversas indústrias que já estão localizadas na região ou até

mesmo para a criação de uma infraestrutura necessária para a atração de novos investimentos.

“Hoje, a Zona Franca de Manaus é um grande concorrente para um possível deslocamento dessas indústrias que estão localizadas no Nordeste para a região Norte, por conta do grande benefício que foi mantido na ZFM. Então, vivemos um momento bastante relevante de um crescimento acima da média nacional, mas ainda há muito que se fazer na nossa região”, analisou o especialista.

Com a transição energética em andamento, o professor da UFPE acredita que o Nordeste pode se aproveitar dessa nova fase para ampliar o desenvolvimento da região. “Há uma dinâmica importante de repensar a região Nordeste como esse grande celeiro de fontes de energias renováveis, que podem ser utilizadas aqui no Brasil e que podem também ser utilizados por grandes players internacionais, olhando principalmente para a União Europeia que se aproxima de fazer um acordo de livre comércio com Mercosul e a região tem seu posicionamento geográfico muito próximo para ter acesso ao mercado como esse”, destacou o professor.

O especialista refletiu sobre a possibilidade de a energia renovável agregar valor em outros investimentos, como o de R\$ 200 bilhões em um data center no Ceará, que deve gerar novos empregos, além de elevar o desenvolvimento econômico da região. Além disso, ele comentou sobre o problema do saneamento básico na região, que junto com o Norte, é a mais precária do país. Segundo ele, o Marco do Saneamento foi fundamental para começar a mudar essa realidade.

“O nível de pobreza da população nordestina está muito abaixo da média nacional. Em alguns estados, como o meu estado, por exemplo, você tem metade da população abaixo da linha de pobreza e dependendo, seriamente, de programas como o Bolsa Família, e que teve o impulsionamento, com a pandemia e a manutenção desse programa com um patamar bastante elevado e que vem ajudando a redução desse problema”, considerou, ainda, o professor.

\*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

# É necessário reconhecer as desigualdades

O secretário de Desenvolvimento Regional do Consórcio Nordeste, Pedro Lima, afirmou, durante o CB. Debate, que o país precisa reconhecer as desigualdades regionais para permitir que a região assuma papel estratégico na nova economia global. Segundo ele, o Nordeste vive um momento marcado por transformações econômicas e pela demanda por cadeias produtivas sustentáveis. “O Nordeste tem um papel importante nisso, não só para o Brasil, mas para o mundo. Essa é uma oportunidade histórica e única para ser aproveitada, mas é importante destacar os obstáculos que enfrentamos”, disse.

Lima argumentou que resistências em admitir assimetrias entre as regiões impedem o enfrentamento do problema. “Quando começa a surgir um discurso de não querer separar (regiões), eu me assusto, porque quando apontamos as desigualdades, é porque estamos dispostos a enfrentá-las”, afirmou. Ao

citar os desequilíbrios históricos, o secretário destacou que 56 milhões de nordestinos foram, por décadas, “relegados à condição de exército reserva de mão de obra”. Ele também chamou atenção para a concentração da dívida estadual com a União. “Mais de 90% são de quatro estados do Centro-Sul. O Nordeste nem representa 3%. Essa dívida foi o dinheiro do Brasil inteiro financiando a infraestrutura produtiva que foi localizada em alguns locais no Centro-Sul”, afirmou.

Lima disse ainda que a região Nordeste reúne condições para atrair uma nova indústria baseada em energia limpa, mas enfrenta obstáculos estruturais. Ele destacou que o Nordeste gera quase 50 Gigawatts em energia solar e eólica, com mais de 90% da matriz renovável. Apesar disso, empresas têm enfrentado negativas de conexão por falta de investimento na rede elétrica. “O investimento na infraestrutura elétrica do Brasil não



Lima: “Nordestinos foram relegados por décadas”

reflete o papel que o Nordeste tem nesse mercado. Hoje nós temos grandes consumidores de energia tentando se instalar no Nordeste e não podendo. A região tem a energia em excesso, mas não pode consumir porque não existe o gasto em infraestrutura”, explicou.



Holanda: “Parcerias em pesquisas são importantes”

O secretário também apontou disparidades no acesso ao crédito. Segundo ele, “o gasto do governo federal é infinitamente maior no Sul e Sudeste que se dá através dos benefícios fiscais”. De acordo com Lima, a região está “organizada e unida” para ampliar seu protagonismo,

mas depende de mudanças estruturais. “O Nordeste está pronto para crescer de forma justa, para melhorar a vida do seu povo, mas para fazer isso, a gente tem que enfrentar essa constante luta do Brasil para concentrar os recursos onde os recursos já estão”, concluiu.

Já o gerente-geral de Inovação, Negócios e Transferência de Tecnologia da Embrapa, Evandro Holanda, disse que o Nordeste tem um grande potencial para diminuir a desigualdade social nos próximos anos, por meio do desenvolvimento agrário e destacou a parceria com o próprio Consórcio Nordeste e com o governo federal para possibilitar isso. “Durante muito tempo, a gente percebia o de fora dizendo como o Nordeste faz as coisas. E eu acho que quando tem o Consórcio Nordeste, ele diz: ‘Agora nós que vamos dizer como é que nós queremos fazer’”, disse Holanda, que destacou que a Embrapa – como maior empresa pública de ciência

e tecnologia do mundo tropical – também faz parte de um “processo da sociedade”.

“E nós temos condições de articular, participar, fortalecer e facilitar ecossistemas de inovação territorial por meio da articulação de pesquisa, tecnologia e dados, agricultores familiares e cooperativas, universidades, institutos federais, polos tecnológicos emergentes, políticas públicas, e aí de novo eu destaco o Consórcio Nordeste. Eu acho que a gente precisa fazer muita coisa juntos”, acrescentou o gerente. Ainda durante o evento, ele reforçou também a parceria com a iniciativa privada e os organismos internacionais para solucionar o desafio de ampliar o desenvolvimento agrário, ambiental e social, e aí tem algumas visões, desafios e oportunidades. Nesse contexto, Holanda destacou ainda a importância da integração entre os governos estaduais para unificar as estratégias. (RP e PJ)